**Universidade de São Paulo**

**Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**Introdução aos Estudos da Educação – LES1114**

**Prof. Dr. Ricardo Leite Camargo**

**Nádia Rosário de Oliveira, nº USP: 8563538**

**Soneto 12 – Willian Shakespeare**

A pessoa escolhida para entrevista foi minha irmã, Laís, os motivos não são bem certos, pensei nela quando vi a descrição da atividade, além disso, deu certo de ela estar em Piracicaba nesse fim de semana e também ela está terminando a licenciatura e participa do PIBID, sempre conversamos sobre como é na escola onde faz o estágio.

Ela estuda Artes Visuais na UNICAMP, está em seu ultimo ano de curso, tem 26 anos e é a minha irmã mais velha.

A preparação se deu em algumas etapas, primeiro imprimi uma cópia do trecho do Soneto 12 para mim e para ela e pedi que ela lesse. Depois, fui ao dicionário e procurei o significado de todas as palavras difíceis e que eu não sabia o que eram. Por fim, mostrei o trecho do filme “O Homem que Copiava”, isso tudo sem dizer que depois ela teria que me contar o que entendeu do Soneto.

O “encontro” se deu com nós duas de pijama, sentadas de pernas cruzadas na minha cama e frente a frente, como fazemos sempre quando vamos conversar sobre qualquer coisa. Nesse momento perguntei o que ela tinha entendido do soneto e ela me disse: “fodeu”.

O silencio permaneceu um pouco e depois ela começou a contar tudo o que tinha conseguido captar do soneto.

Para ela o soneto fala sobre o tempo, pois ele usa algumas palavras que dão esse sentido de tempo passando, como esvair-se, seguir, tempo, escoar-se etc. E, esse tempo é um tempo que vai e muitas vezes nós não temos noção e controle dele.

Perguntei para ela se ele relaciona o tempo com alguma coisa em especifico, como a árvore, da tarde, da noite chegando, como forma de explicar alguma outra coisa. Para ela ele relaciona o tempo com a experiência, com a velhice e o que ela traz de bom, o conhecimento que se acumula, como o que ocorre com a gente e as árvores, de modo que, não somos mais os mesmos de antes por todas as coisas que passamos na vida.

Outra coisa é o que a velhice proporciona como ter um pouco de si espalhado, como os filhos, netos, bisnetos.

Então, perguntei o que ela achava que o espalhar tinha a ver com o tempo, qual a relação entre eles. Então, ela me respondeu que o espalhar só ocorre com o decorrer do tempo, é o tempo que faz com que isto aconteça.

Ele fala também da efemeridade das coisas, do tempo, de como as coisas se desfazem e não duram tanto, a nossa juventude e velhice são efêmeras. Vamos deixando de ser bonito/novo/pele lisa.

A graça nova são os filhos e estes são uma maneira de enganar o tempo, pois são um pouco da gente.

Ele fala de um tempo passado, presente e futuro, pois estes são as fases da vida, onde o passado é a juventude, o presente é o nascer da nova prole e o futuro é o tronco sem folhas.

Também tive a mesma percepção da minha irmã quanto ao tema central do poema: o tempo e como ele se reflete na nossa vida.

Além disso, como buscamos de todas as formas não sermos “atingidos” pelo tempo e que os filhos são uma dessas formas.